

TERRITÓRIOS ALTERNATIVOS: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DE ESPAÇOS INDEPENDENTES DE ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS - SECHIISLAND REPÚBLICA CORPORAL COMO ESTUDO DE CASO

Renê Mainardi¹

RESUMO: Resumo: O presente trabalho tem como proposta um estudo sobre as experiências de ações e as dificuldades enfrentadas pelos espaços alternativos de difusão e exposição de artes visuais contemporâneas. Para isso utiliza, como estudo de caso, Sechiisland- República Corporal, espaço alternativo localizado na cidade de Rio Claro, situada no interior do estado de São Paulo. O trabalho busca trazer a reflexão acerca da importância desses espaços enquanto articuladores e difusores da produção artística das artes visuais contemporâneas e suas relações com público e com as políticas públicas pertinentes a esse tema.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; espaços alternativos; políticas públicas.

ABSTRACT: This paper proposes a study on the experiences of actions and the obstacles faced by the alternative spaces of dissemination and exhibition of contemporary visual arts. Therefore, uses as example of study Sechiisland - Corporal Republic, an alternative space, located in the city of Rio Claro, state of São Paulo. The study seeks to bring a reflection on the importance of these spaces as organizers and disseminators of artistic production of contemporary visual arts, their relations with the public and the relevant public policies that address this topic.

KEYWORDS: visual arts; alternartive areas; public policy.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desse trabalho é o espaço independente de ação e difusão de arte contemporânea Sechiisland República Corporal, situada na cidade de Rio Claro, em São Paulo. Localizada no Jardim Chervezon, principal complexo de bairros periféricos da cidade. A Sechiisland é um espaço alternativo de pesquisa em arte contemporânea que explora em sua programação: exposições, residências artísticas, oficinas e festivais de performance. Dentre seus projetos, o espaço ainda conta com uma biblioteca

¹ Artista Visual com pesquisa em Artes Plásticas Cinema e Fotografia. Graduado em Rádio e TV e Artes Plásticas. Estudou Cinema na EICTV/Cuba. Pós-graduado em Arte e Educação. Estudou Gestão Cultural no Centro de Formação e Pesquisa do SESC-SP 2014/2015. Cursa especialização em Políticas Culturais pela Universidade de Girona / Observatório Itaú Cultural. É coordenador Técnico Artístico da Sechiisland República Corporal.

especializada em arte e publicações alternativas com acervo de cerca de 6000 obras catalogadas e disponíveis para consulta e empréstimo ao público em geral. O espaço também é responsável pela publicação da Revista de Arte Postal PENSE AQUI com 15 anos de atividade ininterrupta.

Primeiro fazemos um panorama dos equipamentos culturais da cidade de Rio Claro-SP descrevendo em que contexto estrutural está inserido o espaço e, logo depois, abordamos as frentes de atuação da Sechiisland – República Corporal.

Num terceiro momento, abordamos as dificuldades e desafios da Sechiisland, fazendo uma discussão paralela com espaços das cidades vizinhas, e as demandas comuns desses espaços.

Geralmente sem apoio governamental em todas as suas esferas, tampouco da iniciativa privada, esses espaços mantêm-se às custas da militância de seus curadores independentes que, às duras penas, buscam – na maioria das vezes utópica e ideologicamente – caminhos alternativos para a difusão e a produção desse segmento artístico. Segundo publicação do Ateliê 3972, apresentado como resultado do projeto BR116: Independentes em Trânsito, contemplado pelo Edital Conexões de Artes Visuais da FUNARTE:

“É de experimentações, de proposições artísticas e críticas não pautadas por uma agenda nos moldes institucionais que surge uma condição reflexiva que atua como medida para um contraponto a burocratização. É a possibilidade de uma programação menos engessada e menos autoritária que autoriza os espaços independentes uma atuação que de fato reverbera ruídos de naturezas diversas sobre o circuito comercial da arte” (São Paulo.2010).

Mesmo assim, vale ressaltar que muitas vezes esses espaços articulam-se independentemente por opção, justamente pelo fato de fugir à regra proposta pelo mercado cultural. Mas até que ponto eles realmente seguem essa lógica, se, em muitos casos, a falta de recursos financeiros é o principal empecilho para seu funcionamento?

Dentro disso, vale prestar atenção ao aparte da publicação do Ateliê 397 como resultado do evento BR116: Independentes em Trânsito, contemplado pelo Edital Conexões de Artes Visuais da FUNARTE, quando levantada a questão do mercado especificamente:

2 Sediado na cidade de São Paulo, o Ateliê 397 foi fundado em 2003 por um grupo de artistas visuais e funcionava como um misto de ateliê e espaço expositivo. Em 2010 organizou o encontro BR116 do qual participaram diversos espaços alternativos para debater as ações e trocar experiências.

“Não resta dúvida sobre o esforço empenhado desses espaços em levar adiante a possibilidade de um funcionamento que não se restrinja à realização de transações de compra e venda de trabalhos de arte. Tampouco esses espaços podem ser vistos como os últimos bastiões de resistência a uma lógica que retira dos trabalhos sua condição crítica para lhes transformar em produto. Afinal, mesmo que de forma lateral, esses espaços, fazem parte do mesmo circuito – o circuito da arte – em que as leis de mercado têm papel decisivo em determinar os modos de pressão sobre a produção e de consumo do trabalho de arte” (São Paulo.2010).

TERRITÓRIOS ARTÍSTICOS EM RIO CLARO-SP: BREVE PANORAMA DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS

Município progressista com grande avanço tecnológico, Rio Claro sempre esteve em destaque nacional. No século XIX, fez parte das principais rotas de ferrovia e foi o segundo município brasileiro a ter energia elétrica e o primeiro do estado. No século seguinte, destacou-se por possuir um dos maiores centros de pesquisa sobre eucalipto do mundo.

Paralelamente, a cultura caminhava a passos largos e, em 1864, foi construído como um grande empreendimento para a época o Teatro São João, que logo passou a ser chamado de Teatro Phoenix. Também nesse século, é fundado o Gabinete de Leitura que, em sua longa história, chegou a receber visitas de Dom Pedro II e Camilo Castelo Branco. Além do papel de veiculador do livro, o gabinete publicava em 1910 sua própria revista (Revista do Gabinete). Diferente do destino do Teatro Phoenix, que foi extinto pela especulação imobiliária em 1957, o gabinete mantém suas atividades até os dias de hoje abrigando a biblioteca Lenyra Fraccarolli e o posto digital do programa Acessa São Paulo.

A cidade também contava no início do século XX com as salas de exibição de filmes, Iris, Bijou e Parque, cabendo destaque ao Cine Teatro Variedades, que, fundado pela Sociedade Anonyma Rio-Clarense em 1926, traria como novidade a concepção de exposições cinematográficas com sessões musicadas.

Em 1896 foi fundado o Grêmio Recreativo da Companhia Paulista das Estradas de Ferro, fruto da união os ferroviários que se mobilizaram para criar um espaço onde pudessem realizar, logo depois, as atividades da Banda União dos Artistas Ferroviários, também fundada em 1896 e em funcionamento até os dias atuais.

Nesse mesmo século, foi fundada a Societá Italiana de Benificenza, conhecida popularmente como Sociedade Italiana (1891), que, entre as quatro mais antigas do país, mantém suas atividades até hoje, desenvolvendo trabalhos que promovem a cultura italiana. A organização destacou-se na década de 1960, quando abrigava o Teatro Ítalo-Brasileiro e participava de todos os festivais de teatro amador do Estado de São Paulo.

Outra organização centenária, que hoje vem sendo recuperada pela administração pública, é a Sociedade Philarmônica que, fundada em 1897, sempre foi palco de atividades promovidas pela elite da cidade. Hoje se tem a proposta de tornar o espaço um polo de atividades culturais na região central da cidade, com previsão de reinauguração em meados de 2016.

Existente desde 1916, a cidade também conta com o Museu do Eucalipto, fundado pelo engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade para sistematizar e expor os resultados de suas pesquisas. Localizado na Floresta Estadual Navarro de Andrade, o museu possui em seu acervo uma belíssima coleção de gravuras do engenheiro e ilustrador Octávio Vecchi, realizadas em sua temporada em Rio Claro, contribuindo para a catalogação de espécies arbóreas que hoje fazem parte do acervo do museu, que também conta com gravuras originais de espécies botânicas de Carlos Fischer.

Fundado em 1919 com atividades ininterruptas até os dias atuais, o Grupo Ginástico Rio-Clarense, apesar de fundado com o objetivo de ser um clube de atividades físicas, sempre foi referência em projetos musicais e possui em seu histórico de shows apresentações de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento e Gal Costa.

Dentro do cenário cultural rio-clarense, também se destaca a Sociedade Dramática Dançante Cidade Nova, fundada em julho de 1927, frequentada por gerações e palco de apresentações teatrais, festivais de dança e bailes. Hoje a organização continua ativa com programação de bailes dançantes semanais, não mais contando com apresentações teatrais como proposto em sua fundação.

A principal sala de cinema da cidade foi fundada em 1938, com o nome de Cine Teatro Excelsior e sempre foi referência em exibições cinematográficas por várias gerações. Quando fundada, além das exibições cinematográficas, o espaço sediava temporadas de teatro com companhias renomadas e abrigava a Escola de Arte Dramática.

Ainda falando em sala de exibições cinematográficas, em 1950 é inaugurado o Cine Tabajara com capacidade de público de 1.000 lugares, além de contar com serviço de lanchonete, café e bar. Ambas as salas foram extintas na década de 1990, e hoje a cidade possui cinco salas de exibição de filmes no Shopping Center Rio Claro.

Na década de 1950, surgem dois importantes clubes em atividade até os dias atuais: a Sociedade Beneficente Cultural Dançante Veteranos e a Associação Beneficente Cultural Tamoyo, sendo a segunda o primeiro clube com atividades voltadas à comunidade negra.

Datado de 1863, o Solar da Baronesa de Dourados pertence ao centro histórico da cidade e abriga, desde o início da década de 1960, o Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga. Em 1963 o prédio foi tombado como Patrimônio da União, oficializando a sede do Museu, que

passou a fazer parte da rede de Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo. Em 2010, foi vítima de incêndio criminoso e hoje passa por processo de restauração com previsão para reinauguração no ano de 2016.

Na década de 1970, foi inaugurado o Centro Cultural Roberto Palmari, hoje o principal centro de referência cultural da cidade, no qual se encontra a Secretaria Municipal de Cultura. O espaço conta com uma sala de teatro com capacidade para 470 espectadores, um cinema com capacidade para 80 espectadores, um infocentro, uma biblioteca e duas salas de exposições de artes visuais, o que possibilita a difusão de todas as produções artísticas num único espaço. Situado no Parque do lago azul, o prédio abriga a Cia de Teatro Tempero D'alma, o Grupo de Produção Cinematográfica Kino Olho, a Escola de Ballet da professora Katia Vicente, o Grupo de dança Marcos Gomes, o Foto Clube Photo e Prosa e o Café com Hip Hop, organização do movimento Hip Hop do município, todos com apoio da Secretaria Municipal de Cultura.

Ainda na década de 1970, foi fundado o Arquivo Público e Histórico do Município que, além de organizar, recuperar e preservar a documentação pública da história da cidade, promove atividades culturais, como o Concurso Fotográfico Rio Claro Revela sua História, a Mostra de Arte Novos Olhares e o Bate Papo Cultural e ainda é responsável por publicações de livros, coleções de postais e da Revista do Arquivo, todos pautados em conteúdo cultural.

Localizada na região central do município, encontra-se o Casarão da Cultura que abriga as obras de arte da Pinacoteca Municipal num belíssimo prédio histórico, recentemente tombado pelo Condephaat. Além dessa atividade, o espaço conta com exposições de artes visuais, apresentações musicais e sedia uma das principais atividades culturais do município, o Festival de Música de Inverno.

A cidade abriga também três escolas de música subsidiadas pelo poder público: a Banda União dos Artistas Ferroviários, a Orquestra Sinfônica de Rio Claro e a Orquestra Filarmônica, todas três com sede própria, na qual mantém escola e espaços para ensaios musicais.

Cabe destacar as atividades promovidas pelo Centro de Atividades do Sesi, que promove em sua programação mensal atividades de música, teatro, cinema e artes visuais além de abrigar uma escola de artes cênicas.

Com uma proposta alternativa da organização civil, destaca-se a Casa de Cultura Paulo Rodrigues, fundada em 2014, e que promove atividades culturais e abriga grupos e organizações artísticas. Sediada na casa do entusiasta cultural que empresta o nome ao espaço multicultural, a Casa de Cultura foi sede, na década de 1970, do Grupo Banzo, que desenvolveu atividades socioculturais e produziu manifestos políticos e manifestações artísticas em diversos espaços da cidade.

Ainda no ano de 2014, a cidade inaugurou uma unidade do Centro de Artes e Esportes Unificado que conta com infocentro, salas multiuso, teatro e cinema e biblioteca. Localizada na região da Mãe Preta – complexo de bairros periféricos da cidade – o espaço abriga atividades culturais semanalmente, bem como promove práticas esportivas em ações articuladas entre Secretaria de Cultura, de Esportes e de Ação Social.

É nesse território cultural que se encontra a Sechiisland República Corporal.

SECHIISLAND REPÚBLICA CORPORAL: UMA ILHA DE ARTE CONTEMPORÂNEA.

O termo “Sechiisland”, a ilha do Sechi, nasce em 2002, com a criação de um país fictício dentro da rede de arte postal e leva o sobrenome do artista visual José Roberto Sechi, fundador do espaço.

A concepção poética do espaço em tornar-se uma “ilha fictícia” fez com que o artista criasse elementos simbólicos de organização institucional com moeda própria, santo padroeiro, bandeira, passaporte, entre outros ícones que remetesse a uma federação em meio ao universo de comunicação mundial junto à rede de arte postal.



Em janeiro de 2003, o termo passa a nomear um espaço cultural alternativo, que antes era somente o ateliê do artista multimídia José Roberto Sechi. Nessa mesma data, são criadas a “Sechiisland’s Micro Gallery” e a “Sechiisland’s International Library” que, junto com a editora Samizdat “Edições 100”, os arquivos de arte postal e o bureau de produção artística e processual formam o espaço físico e conceitual chamado “Sechiisland – República Corporal”.



A “Sechiisland’s Micro Gallery” é uma galeria onde são realizadas exposições de propostas artísticas experimentais com entrada gratuita ao público. Desde então, a galeria já expôs artistas do Brasil e do mundo em mostras coletivas e individuais, artistas como Clemente Padin, Paulo Brusque, John M. Bennett, Emilio Morandi, entre muitos outros do cenário da produção artística contemporânea.



Além das atividades promovidas, o espaço também mantém a “Sechiisland’s International Library” que se caracteriza como uma biblioteca especializada em arte e publicações alternativas com acervo de cerca de 6000 obras catalogadas e disponíveis para consulta e empréstimo ao público em geral. A biblioteca também conta com um acervo inestimável de arte postal.

O espaço é mantenedor da editora independente denominada Samizdat - que em russo significa auto publicado -, responsável pelo selo “Edições 100” especializado em edições artesanais e em pequenas tiragens. A editora também publica a Revista de Arte Postal Pense Aqui!

A Pense Aqui! (Revista de Arte) ou Think Here (Mail Art Magazine) é um projeto de arte postal no formato de zine que nasceu no ano 2000. São 15 anos completos em outubro de 2015, de ocupação contínua do serviço de correios e trocas constantes que envolvem cerca de 1.200 artistas de 77 países dos cinco continentes. As obras recebidas são publicadas por ordem de chegada, e imediatamente os participantes recebem por correio um exemplar do zine. Em média são publicados três números por mês. Entre os participantes desse processo, a revista já publicou trabalhos de nomes históricos como: Clemente Padín (Uruguai); Paulo Bruscky, Falves Silva, Hugo Pontes, Avelino de Araujo (Brasil); Emilio Morandi, Ruggero Maggi (Itália); Rod Summers, Ruud Jansen, Piet Franzen (Holanda); Ryosuke Cohen (Japão); John Held Jr., John M. Bennett (EUA); Anna Banana, Ed Varney (Canadá) e Klaus Groh (Alemanha).

Com alojamento, ateliê de pesquisa/biblioteca, ateliê de criação e espaço multimídia, a Sechiisland abriga estrutura para residências artísticas, oficinas e festivais de performance e eventos que vêm ocorrendo ao longo de seu tempo de existência.

Desde 2007, o espaço promove encontros, festivais e apresentações de performance e arte de artistas nacionais e internacionais. Assim, desde 2008, a Sechiisland’s República Corporal vem recebendo artistas do Brasil e de fora para projetos de residência artística, utilizando toda a estrutura que o espaço oferece. Ao final da Residência, o artista apresenta o resultado da pesquisa ao público de forma gratuita, no formato de exposição e/ou performance e leitura de portfólio.

Localizada no coração do Jardim Chervezon, principal complexo de bairros periféricos da cidade de Rio Claro, a proposta da Sechiisland é ser mais que um simples espaço alternativo; é ser um local que funcione como uma obra de arte, um *work in progress*. Conceitualmente o espaço é construído como se fosse um país (um país como obra de arte) com passaporte, bandeira, santo nacional, moeda e outros elementos.

Referência no cenário de galerias independentes, a Sechiisland já foi objeto de pesquisa acadêmica, notícia em revistas nacionais e internacionais e parte do projeto Expedições do Circuito Sesc de Artes 2014. Entre

muitas dificuldades, o espaço sempre manteve-se de forma independente, e seus desafios serão abordados no capítulo posterior.

TODOS NO MESMO BARCO: EXPERIÊNCIAS, DEMANDAS E DESAFIOS COMUNS DOS ESPAÇOS ALTERNATIVOS NA REGIÃO DE RIO CLARO.

Abordaremos aqui as dificuldades e desafios da Sechiisland, mantendo um diálogo com outros espaços das cidades vizinhas e analisando as demandas comuns desses espaços. O principal instrumento de pesquisa para tal abordagem se deu através de entrevistas com os curadores José Roberto Sechi, da Sechiisland em Rio Claro; Lidice Salgo da Casa do Salgot em Piracicaba; e Cecilia Stelini do AT|AL|609 - Lugar de Investigações Artísticas em Campinas.

Para José Roberto Sechi, o principal desafio do espaço é manter-se em funcionamento sem qualquer forma de apoio financeiro, custeado com recursos do próprio artista. Ele destaca que:

“A persistência é a única forma que encontro para manter o espaço vivo. Todo esforço vem da boa vontade de artistas parceiros que topam expor sem ganhos devido a trajetória do espaço, muitas vezes ajudando o espaço até no financiamento dos catálogos”.

Vale ressaltar que, pela primeira vez em toda a sua trajetória, a Sechiisland contou com financiamento do Governo do Estado, através do edital PROAC (Programa de Ação Cultural) 26/2014 Territórios das Artes (Manutenção de Espaços) para ações que foram realizadas em 2015. Já no ano de 2016, o espaço também foi contemplado com edital PROAC 17/2015 (Programa de Ação Cultural) Espaços Independentes de Artes Visuais. Referente a isso, o artista observa:

” A verba está sendo usada para os custos de todos os projetos que o espaço sempre desenvolveu, mas tenho ciência de que logo acaba, e aí as dificuldades retornarão. Mas isso não será motivo para o encerramento das atividades, como disse anteriormente, sou persistente”.

A partir do ano de 1989, abrigou o Ateliê e Oficina de Cecilia Stelini, oferecendo cursos de Técnicas em Cerâmica e Vidro e Desenvolvimento de Processos Criativos. A partir de 2010, o ateliê passa a chamar-se AT|AL|609 – Lugar de Investigações Artísticas – e direcionou suas atividades para a difusão da arte contemporânea por meio de projetos, como exposições, orientação/acompanhamento de propostas artísticas, cursos, workshops e programa de residência, como atividades que buscam auxiliar o desenvolvimento de processos criativos e promover a reflexão e participação da comunidade através de práticas artísticas, caracterizando-se como um espaço independente na cidade de Campinas.

Para a organizadora do espaço, o principal problema é a falta de apoio para a manutenção de suas atividades e quando questionada sobre as formas de financiamento do espaço, observa:

“O espaço é financiado com recursos próprios, existe para alguns projetos o apoio da Oficina Cultural Carlos Gomes de Limeira, através da Secretaria do Estado de Cultura e ainda parcerias com Instituições privadas como o SESC de Campinas, mas na maioria das vezes, o recurso vem de meu trabalho como artista”.

A Casa do Salgot, situada na cidade de Piracicaba, apesar de encontrar outras alternativas como forma de se sustentar, também apresenta o mesmo problema. Espaço que atua na área da cultura desde 2007 com exposições de arte, música, lançamentos de livros, cursos, sessões de cinema e cafeteria, a partir de 2011, tornou-se exclusivamente um espaço cultural autogerido e ateliê da artista plástica Lídice Salgot. O espaço valoriza a qualidade e diversidade de pesquisa, contemplando diferentes expressões artísticas, especialmente a contemporânea. Quando o assunto é recurso financeiro para o funcionamento da Casa do Salgot, a artista destaca:

“Consigo o financiamento através de apoio e patrocinadores locais captados pelo espaço ou esporadicamente pelo artista que vai expor. Nem sempre conseguimos e normalmente são pequenos valores que ajudam o coquetel em aberturas de exposição, banners ou impressão de convites. De 2011 a 2013, era cobrada uma taxa para expor no espaço, mas a partir de 2014 revi esse conceito, recebendo uma porcentagem somente no valor sobre as obras vendidas.”

A principal dificuldade de Lídice quanto ao aporte financeiro se dá pela necessidade da contratação de uma equipe para auxiliá-la nas atividades. Quando abordados os desafios e objetivos em relação ao público, as opiniões são um pouco distintas.

O AT|AL|609 – Lugar de Investigações Artísticas – dá sua contribuição para o circuito cultural campineiro, já que ele é sempre frequentado por alunos dos cursos de arte da UNICAMP e da PUC. Com isso, Cecilia vê positivamente a participação nas atividades do espaço.

Quando o mesmo assunto é abordado com Lidice Salgot, ela observa que:

“Acredito que o espaço tem uma importância na cidade em função de toda a sua trajetória em 8 anos de intensa atividade. Ótima relação com a mídia local faz com que o espaço e as ações realizadas tenham visibilidade e matérias da programação. A partir do surgimento da Casa do Salgot, outros espaços foram criados na cidade, aumentando, assim, as possibilidades artísticas e maior diálogo entre produtores culturais locais e de fora da cidade. Piracicaba sempre teve uma grande dependência das ações realizadas exclusivamente pelo poder público através de salões ou da APAP (Associação Piracicabana de Artistas Plásticos), em função desta dinâmica a existência de espaços independentes sempre trazem novos horizontes e ações que saem do padrão que a cidade está acostumada.”

Essa opinião difere quando a mesma questão é feita para José Roberto Sechi. O responsável pela Sechiisland cita que o espaço tem altos e baixos, mas que nos últimos anos tem encontrado muita dificuldade quanto à falta de público nas atividades:

“Já expus no espaço artistas de projeção nacional e internacional como Paulo Bruscky, Clemente Padin, Emilio Morandi, entre outros, mas, sinceramente, não sei o que acontece. As pessoas parecem apáticas quanto a participar de atividades culturais, preferem outra forma de sensibilizar-se, agora, qual, sinceramente não sei.”

O espaço sempre fez divulgação pela imprensa local e das redes sociais. Agora, com o financiamento através do PROAC, o espaço passa a contar com material impresso e a criação de um blog, mecanismos esses que o responsável acredita ser mais uma ferramenta de promoção do espaço:

“Agora com novas ferramentas de divulgação espero ter um alcance maior de público. O espaço tem uma proposta de difusão, mas, sem a participação do público, qual seria a sua real função?”

Certamente, observa-se que a Sechiisland passa por uma nova fase após a aprovação do projeto, já que vê, na alternativa do financiamento, uma forma de ampliar a sua gama de atividades.

Mesmo sem recursos financeiros e participação do público, o espaço nunca encerrou suas atividades, parando somente por um período de três meses entre o final de 2014 e início de 2015 para reforma da galeria de exposições.

Com os recursos, além do material gráfico, o espaço pôde financiar a vinda de artistas internacionais dentro de seu programa de residências artísticas, bem como financiar palestras e oficinas com o propósito de ampliar ainda mais o seu repertório de atividades.

Hoje, o espaço conta com um grupo de pessoas que auxilia na organização e na divisão de tarefas, o que profissionalizou, de certa forma, o sistema de organização.

A agenda do espaço sofreu alterações, já que oferece uma ampla gama de atividades e pode, assim, alcançar um público mais extenso, devido à diversidade das atividades, que hoje conta com palestras e oficinas, algo que antes não compunha a programação.

Apesar de ser um espaço de resistência, que funciona e continuará funcionando sem recursos financeiros, – essa afirmação parte de uma das observações do responsável pelo lugar quando entrevistado – hoje se vê como é mais fácil organizar-se quando se tem financiamento, tanto que irá novamente inscrever-se em editais de financiamento de espaço, apesar da grande concorrência devido às poucas formas de financiamento, tema a ser abordado no próximo capítulo.

“A proposta do espaço sempre vai existir, mesmo que reduza o número de atividades um dia, mas as portas sempre estarão abertas em defesa da difusão da arte contemporânea,” finaliza José Roberto Sechi.

ENTRE MAREMOTOS E TEMPESTADES: RELAÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS DOS ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA.

Diferentemente das galerias de arte comerciais, os espaços alternativos não veem a arte como forma de obter lucro para manutenção de suas atividades, o que exige outras formas na busca de recursos, como a busca de apoio do poder público, seja por meio de financiamento direto de projetos, seja por meio de editais.

Isso pode caracterizar-se como um dos principais desafios desses espaços, já que, a política de editais propostos pelo governo, tanto no âmbito federal como no âmbito estadual e municipal, é deficitária quanto ao número de projetos contemplados e muitas vezes os trâmites burocráticos emperram o andamento na ordem da inscrição. O Governo do Estado de São Paulo, por exemplo, publica anualmente dois editais de fomento a espaços alternativos de produção contemporânea de artes visuais, através do Programa de Ação Cultural (PROAC): O Edital n. 17 Espaços Independentes (Artes Visuais) e o Edital n. 26 Territórios das Artes (Manutenção de Espaços).

O primeiro prevê o financiamento de apenas cinco espaços, o que gera uma disputa numérica desleal, se considerado o número de espaços que temos em toda a dimensão geográfica do estado, além do que, o número de projetos apresentados por organizações da capital já consolidadas levam vantagem em relação à contagem na pontuação para tal premiação. Já no segundo caso, os espaços especializados na difusão de artes visuais disputam com as outras linguagens da arte, já que o mesmo fundamenta como definição de “espaço de arte” de forma genérica, podendo assim, todo e qualquer espaço de produção artística concorrer ao mesmo. O que defendo nesse caso não é a prioridade de financiamento a espaços de artes visuais, mas sim uma definição melhor de divisão nas propostas de manutenção desses espaços.

Já na esfera federal, esses espaços podem concorrer à premiação de cinco vagas para financiamento no edital do Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais, ressaltando que esse edital pode contemplar projetos de todo o território nacional, o que o torna muito disputado, além de ser tramitado em um processo extremamente burocrático.

Outra forma de se conseguir financiamento para projetos de fomento é por meio dos programas de incentivo fiscal, os quais, apesar da fácil aprovação por parte das esferas públicas, deparam-se com um árduo caminho

na busca de captação de recursos para viabilização.

A cidade de Rio Claro, em São Paulo, não conta com uma política de editais específicos para as linguagens artísticas, contando somente com lei municipal de incentivos fiscais. Não há o mínimo entendimento por parte das organizações empresariais sobre as leis que regimentam o apoio a projetos culturais através de incentivos fiscais, tampouco existe um debate entre poder público e empresas para que facilitem o diálogo com os proponentes do projeto aprovado.

Essa escassez na forma de incentivo faz com que os espaços busquem apoio na esfera municipal onde o mesmo está inserido, mas o caminho das pedras também não é muito distinto.

Os interesses políticos e/ou a falta de clareza dos gestores públicos culturais não levam em consideração projetos voltados a um público específico, já que dão prioridade à produção de eventos que atraiam um número elevado de munícipes. Acredito que esse desinteresse por parte do poder público seja pelo fato de não querer usar o orçamento como auxílio na manutenção dos espaços independentes, e não por falta de alternativas propostas por eles. Sendo assim, o diálogo se estreita quando cabe ao poder público o papel desses espaços no circuito cultural da cidade, poder este que deve ser o principal articulador e fomentador dessas ações, mas que não apoia esses espaços de mediação e não assume, muitas vezes, a carência de ações de um programa específico de artes visuais.

Quando questionado sobre as possibilidades de parcerias com as esferas responsáveis por ações culturais do poder público, José Roberto Sechi é enfático:

Em pouquíssimas e isoladas ocasiões, aconteceram parcerias com o poder público. Não existe interesse dos governantes, seja qual for, em apoiar esse espaço. Não há entendimento por parte deles da importância das ações promovidas aqui na Sechiisland. Esse não é um espaço de curral eleitoral, talvez seja esse o problema.

Sendo assim, em todos os anos de existência, a Sechiisland busca formas alternativas de apoio, atendo-se a estratégias diversificadas para manutenção de suas atividades, articulando-se dentro da rede de espaços com a mesma proposta de ação, bem como apoiando-se na rede de artistas emergentes que veem nesses espaços uma nova possibilidade de difusão de seus trabalhos.

NAVEGAR É PRECISO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE OPÇÕES AOS ESPAÇOS ALTERNATIVOS.

Os desafios e anseios dos espaços alternativos muitas vezes se entrelaçam, já que os objetivos são muito parecidos, quando não idênticos. Este trabalho limitou-se a observar e relatar experiências de alguns desses espaços situados no interior do estado de São Paulo, focando em maior escala a Sechiisland – República Corporal, espaço alternativo no qual atuo como coordenador técnico/artístico. Como resultado, observo que muito ainda pode e está para acontecer e avalio, neste capítulo, algumas das alternativas que podem amenizar tais anseios.

Quando perguntados sobre a principal forma de manter ativo o espaço hoje, mesmo com todas as dificuldades apontadas, os responsáveis são unânimes ao afirmar: o trabalho integrado com os demais e as articulações em rede. Desse modo, cabe novamente a observação à publicação do Ateliê 397 como resultado do evento BR116: Independentes em Trânsito contemplado pelo Edital Conexões de Artes Visuais da FUNARTE:

“A presença e proximidade dos artistas e curadores (que, em muitos casos, gerenciam os locais) é um diferencial comum a esses espaços. Uma programação feita por artistas, por críticos e pesquisadores, não subordinada à agenda política nem a interesses exclusivamente mercadológicos, garante um *modus operandi* diferente, mais experimental, baseado na troca, na conversa, no trabalho conjunto.” (São Paulo, 2010).

Essas iniciativas podem gerar suas próprias regras de organização, criar oportunidades de circulação e ações conjuntas e possibilitar a discussão de novas formas de inserção e atuação no circuito de promoção da produção artística contemporânea em artes visuais.

Um exemplo de articulação integrada entre esses espaços é o Festival Internacional de Performance Arte e Intervenções: Atos em Ações realizado pelo AT|AL|609 – Lugar de Investigações Artísticas, e a Sechiisland República Corporal abriga parte da programação.

Tal projeto organiza-se a partir do intercâmbio dos artistas convidados, aproveitando os custos de viagem e pró-labore com a apresentação e/ou residência artística em ambos os espaços, e assim, o custeio divide-se entre o que cada espaço pode oferecer como contrapartida para receber o artista. Dessa forma, garante-se uma alternativa entre programação de cada um dos espaços, otimizando os custos.

Em suas duas edições, 2013 e 2015, o projeto contou com o apoio do Governo do Estado de São Paulo por intermédio das Oficinas Culturais Carlos Gomes, situadas na cidade de Limeira que sediou o evento, o qual estendeu-se para a cidade de Campinas, no AT|AL|609 – Lugar de Investigações Artísticas e para a cidade de Rio Claro, na Sechiisland República Corporal.

Com isso, o projeto busca edificar a relação desses espaços com o público e com setores do poder público, como forma de uma divulgação mais ampla, estimulando o apoio do poder público e formas de ações conjuntas.

Outro exemplo de atividade integrada são as exposições itinerantes. Essa prática articulada entre os espaços permite que a programação se organize de forma casada, otimizando custos e gerando uma programação mais diversificada. Um espaço, quando recebe a proposta do artista para um projeto expositivo, ou quando é feito um convite para tal - nesse caso, na maioria das vezes, artistas internacionais – já propõe ao artista que o projeto possa ser exposto ou apresentado em outro espaço, o que certamente é vantagem para o artista devido a uma maior circulação de sua obra, bem como é vantajoso ao espaço que, como dito anteriormente, reduz custos e permite maior diversidade na programação.

Outro ponto importante que percebi nas falas dos entrevistados foi que a falta de aporte financeiro por parte do poder público pode até ser definida como um problema, mas ao mesmo tempo lhes dá a sensação de liberdade em promover ações inteiramente focadas na construção da prática artística, sem interesses de outra ordem. Ainda segundo publicação do Ateliê 307:

“No lado da vida prática, o grande “x” da questão parece ser como um local que não tem, a priori, nenhuma dotação orçamentária, nem uma ligação grande com o mercado de arte parece ser um grande desafio também. E, sobretudo, como não burocratizar as atividades, como não deixar que o cotidiano desses espaços seja completamente voltado para o pensamento de como sustentá-lo, como pagar seus colaboradores, como arrecadar fundos para fazer as atividades e projetos.” (São Paulo.2010).

No entanto, vejo certa contradição nesse ponto e busquei descobrir o que seria mais importante entre a autonomia ou a manutenção financeira. Sem surpresa, a autonomia foi declarada como o ponto mais importante nas ações promovidas pelos espaços. Quando questionados sobre o assunto, todos revelaram que a liberdade em poder trabalhar com obras artísticas experimentais que fogem à regra da lógica de mercado de arte é a principal experiência e objetivo dentro da rede de programação de atividades, mesmo convivendo com a incerteza sobre o futuro do espaço. Dentro disso cito novamente uma observação do Ateliê 397 sobre a definição de espaços independentes:

“É desejável que paire certa incerteza sobre a definição dos espaços independentes. Essa definição tem que permanecer em suspenso, sob o risco de que seja preenchida com possibilidades já pré-definidas completamente esquadrihadas de atuação. Um vazio potente capaz de revelar contradições de um sistema já estabelecido e de abrir-se ao novo, ainda desconhecido, que está por vir. É apenas nessa condição que se pode ambicionar uma atitude verdadeiramente experimental, desejo que permanece no horizonte dos espaços independentes.” (São Paulo.2010).

Percebe-se, então, que, mesmo com as incertezas sobre o futuro desses espaços, eles preferem manter-se à margem do financiamento a trocá-la pelo engessamento de sua programação e a liberdade de experimentar ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ATELIÊ 397. *Espaços Independentes*: São Paulo: Edições 397. 2010. 160p.

Acervo do Arquivo Público Histórico e Pedagógico do Município de Rio Claro-SP

Acervo da Sechiisland República Corporal

Sítios da Internet:

www.at-al-609.art.br

www.casadosalgotateliocultural.blogspot.com

www.cultura.sp.gov.br

www.funarte.gov.br

www.sechiislandrc.blogspot.com